

## Memória do jornalismo: um resgate da história do jornalismo impresso no Rio Grande do Norte pela visão dos protagonistas<sup>1</sup>

Gustavo SOBRAL<sup>2</sup>

Juliana BULHÕES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### RESUMO

Em meio à crise dos jornais impressos, acreditamos ser de suma importância o desenvolvimento de pesquisas cujo enfoque é resgatar a história do jornalismo impresso. Nesse contexto, traçamos uma proposta de investigação com base nas memórias dos jornalistas que atuaram nos jornais impressos de Natal, onde atualmente há apenas dois veículos existentes. Neste artigo, apresentamos os primeiros caminhos para o desenvolvimento dessa investigação. Para isso, discorremos sobre o jornalismo brasileiro e também acerca do jornalismo potiguar; em seguida, detalhamos a nossa proposta de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; jornal impresso; jornalismo potiguar; entrevistas em profundidade.

### INTRODUÇÃO

O jornalismo procura a sua identidade. O *boom* da internet, o blog como informação, o blog como jornalismo, o blog como puro diletantismo; a migração dos leitores de revistas e jornais para os grandes portais de notícias online; a contradição entre a diminuição do número de leitores do impresso e a proliferação de jornais populares e tablóides; a equação inversamente proporcional entre o preço dos jornais e revistas e a renda da população; a segmentação do mercado de revistas, o esvaziamento das redações e o inchaço das assessorias; a não obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão; as péssimas condições de trabalho dos jornalistas, baixos salários, informalidade, sindicatos relapsos, enfraquecimentos da categoria profissional; as discussões sobre a base curricular ideal; o fortalecimento dos cursos de pós-graduação em comunicação. Faces de uma mesma moeda que sinalizam os dilemas, avanços e retrocessos do jornalismo no Brasil e, mais do que isso, que sinalizam que é preciso se discutir jornalismo em todas as suas vertentes.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 6 a 8 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM-UFRN). Email: [gustavosobral1041@gmail.com](mailto:gustavosobral1041@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM-UFRN). Doutoranda em Comunicação pela Universidade de Brasília (FAC-UnB). Email: [julianabulhoes.ad@gmail.com](mailto:julianabulhoes.ad@gmail.com).

Discutir jornalismo implica ater-se ao cotidiano, às mudanças que envolvem o cenário de produção do jornalismo atual no Brasil, ao jornalismo que se produz diariamente, sob uma perspectiva crítica. Os jornais não atraem mais, sinalizam as pesquisas de opinião. O fenômeno é mundial – no relato da própria mídia e da literatura especializada (MEYER, 2007).

O modelo estaria fadado, acusam, porque os jornais perderam o encanto e perderam conteúdo. Correr as suas páginas, passar por suas editorias, evidenciaria estes sinais: a pauta é sempre a mesma e o enfoque idem; as informações veiculadas no jornal do dia seguinte, já foram exaustivamente abordadas pela Internet e pela tevê; há o predomínio da notícia, em detrimento da reportagem; e mais: superficialismo, proliferação de anúncios, uma série de vícios que contribuem para a necessidade de mudar.

Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, um relatório publicado pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República sobre os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira (BRASIL, 2014), revela que apenas 24% dos brasileiros lêem jornais, sejam eles impressos ou digitais.

Segundo o relatório, "junto com o crescimento da internet como meio de comunicação, aumentaram, também, as especulações sobre a substituição das edições impressas dos jornais por edições digitais" (BRASIL, 2014, p. 67). Apesar disso, quase 80% dos leitores ainda o fazem da forma tradicional, impressa. De 2013 a 2016, três dos cinco jornais impressos de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, encerraram suas atividades: Diário de Natal, Correio da Tarde e Jornal de Hoje. E permanecem em pleno exercício a Tribuna do Norte e o Novo Jornal.

Em oposição a essa quantidade limitada de veículos impressos, temos pelo menos oito emissoras de televisão que produzem conteúdo local: InterTV Cabugi (afiliada Globo), TV Ponta Negra (afiliada SBT), TV Band Natal, TV Tropical (afiliada Record), Rede TV RN, TVU (universitária), TV Câmara e TV Assembleia; e três portais de notícia: G1 RN, Portal NoAr e Nominuto. A lista pode crescer se somarmos os portais dos jornais impressos e dos veículos televisivos. Em termos de revistas impressas, temos duas que se mantêm no mercado há mais de uma década: Deguste, especializada em gastronomia, e Formas, voltada à arquitetura. Além de dezenas de blogs comandados ou não por jornalistas.

Nesse contexto, de diminuição quantitativa de veículos de impresso na cidade, acreditamos ser de suma importância o resgate histórico do jornalismo praticado nessas

redações; propomos, assim, uma pesquisa com base nas memórias dos jornalistas que atuaram no jornalismo impresso. Apresentamos, aqui, os primeiros caminhos para o desenvolvimento dessa investigação. Começamos falando sobre o jornalismo brasileiro. Em seguida, discorreremos sobre o jornalismo potiguar. Por fim, apresentamos nossa proposta de pesquisa, com destaque para a metodologia e as fases de execução.

## 1 O JORNALISMO NO BRASIL

O processo de modernização que começa nos anos 1950, e que resultou também em uma renovação tecnológica e estilística, trouxe um novo padrão para o jornalismo brasileiro, próximo do modelo norte-americano. Os jornais primeiro abandonam os afamados “artigos de fundo” e abraçam as pautas pré-determinadas e o modelo do lide.

As reformas instituíram a era da notícia objetiva, direta, impessoal. O jornal-empresa descobriu novos artifícios para atrair os leitores: folhetins, quadrinhos e horóscopos. No entanto, a notícia terminaram sendo a matéria-prima principal, conformando-se a padrões industriais através da técnica de produção, de restrições do código linguístico e de uma estrutura relativamente estável. A nova imprensa conta, escreveu Nilson Lage (2001), ao abordar a linguagem jornalística, com:

Projetistas gráficos, repórteres fotográficos e redatores [que] não são artistas ou intelectuais: são trabalhadores de uma indústria de prestação de serviços que opera com bens simbólicos. Não se espera que, ao ver a notícia de um acontecimento qualquer, alguém diga ‘que notícia bem escrita!’, ou ‘layout espetacular!’; o redator ficará gratificado se o leitor se motivar pelo acontecido, entender o que aconteceu e tiver condições de formar juízo adequado a respeito (LAGE, 2001, p. 09).

Jornais que, fundados no século XX, ganharam fôlego sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, passando pela evolução técnica da linotipo ao *off-set*, firmando-se bem no momento que Sodré (1999) denominou de industrialização da imprensa brasileira, de industrialização e concentração, quando se formam cadeias de comunicação. É um jornalismo que Melo (1996) classifica em duas categorias: jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta) – e da divisão dos jornais em seções, os cadernos (cidades, cultura, esporte, geral, etc.).

O jornal é, portanto, espaço para variações sobre um mesmo tema, seja pelo que se considera jornalismo informativo, a reportagem; seja pelo que se considera jornalismo

opinativo, o comentário, a crítica o artigo de opinião (MELO, 1996). No entanto, esta classificação do jornalismo nas vertentes opinião e informação, demarcada por Melo (1996) é questionada por Chaparro (2008), que propõe pensar o jornalismo brasileiro por uma nova perspectiva para além da divisão do jornalismo em opinião e informação:

A leitura de uma quantidade significativa de textos jornalísticos (o equivalente a 6.600.000 cm<sup>2</sup> de área impressa) demonstrou que o Relato Jornalístico acolhe cada vez mais a elucidação opinativa, e que o Comentário da atualidade exige cada vez mais a sustentação de informações qualificadas. Surgiu daí a convicção de que seriam necessárias novas buscas, teóricas e de observação, para um novo entendimento da questão dos gêneros jornalísticos (CHAPARRO, 2008, p. 160).

Chaparro (2008) identifica que, com as interações democráticas, as razões de mercado e as novas possibilidades de linguagem criadas pelas novas tecnologias, o jornalismo funciona com novas formas discursivas que ultrapassam a polaridade opinião *versus* informação e que ultrapassa a questão dos gêneros agrupados nesta polaridade.

O autor aponta a diversidade em que o jornalismo se expõe, com gêneros mais fortalecidos, como a reportagem, e a diversificação destes gêneros em subespécies, “além disso, surgiram e desenvolveram-se a entrevista e o fotojornalismo, técnicas de relato cuja eficácia, tal como acontece na reportagem, está na aptidão de associar fatos às idéias, os dados às emoções, os acontecimentos à reflexão, os sintomas ao diagnóstico...” (CHAPARRO, 2008, p. 147).

Não muito diferente, apesar de classificá-lo em opinativo e informativo, das considerações de Melo (1996): “se historicamente essas duas categorias no jornalismo – o informativo e o opinativo – contemporaneamente eles convivem com categorias novas correspondem às mutações experimentadas pelos processos jornalísticos” (MELO, 1996, p. 24).

Todas estas considerações acerca do *savoir faire* do jornalismo se mostram necessárias e se apresentam como premissas autorreflexivas que devem nortear qualquer investigação, como esta pretensa, de compreender o jornalismo pela voz dos seus protagonistas. Portanto, o contexto das redações em que atuaram estes profissionais que elencamos e os próprios ditames do jornalismo são um caminho para pensar a proposta de abordagem.

Comumente, o jornalismo pode ser lido por seus profissionais e por seus intérpretes (aquele que se dispuseram a refletir sobre o seu exercício), por um lado, como uma

atividade de heroísmo e vaticínio; enquanto, por outro lado, será criticado por estar sujeito aos ditames da empresa jornalística, o jornal, e aos interesses de seus proprietários, anunciantes e *publishers*.

Rossi (1986), ao traçar um quadro do jornalismo empresa, que passou a ser a constante com a modernização dos jornais, aponta que repórteres e redatores, por não se sentirem responsáveis pelo que estão produzindo, acabam por funcionar guiados por certo automatismo, mais voltado para uma linha de montagem industrial do que para a concepção de jornalismo como trabalho intelectual.

Haja vista todas as características do jornalismo brasileiro praticado em redações nas últimas décadas que ora apresentamos, é de nosso interesse traçar um fio histórico dessa prática no contexto do Rio Grande do Norte. Discorreremos brevemente, a seguir, sobre a prática jornalística potiguar.

## **2 O JORNALISMO POTIGUAR**

A passagem norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial transformou Natal. No bairro Cidade Alta, o Grande Ponto era o centro da cidade que andava de bonde. As pessoas frequentavam cafés e a Sorveteria Cruzeiro. O bairro da Ribeira era do comércio, dos clubes esportivos, hotéis, sedes dos jornais, estação de trem e do Teatro Alberto Maranhão. Com a presença norte-americana na cidade, a população aumentou e os hábitos mudaram (CASCUDO, 1999).

Sete jornais circulavam na cidade: Tribuna do Norte, Diário de Natal, Poti, A Ordem, Jornal de Natal, Jornal de Comércio e A República. Neste corre-corre do tempo, a sorte de ter registrando os fatos, jovens jornalistas que não só se dedicavam às notícias e às reportagens, mas também atuavam como articulistas, colunistas e cronistas. O jornal era essencialmente um único caderno em que pelas editorias se distribuía os temas política, economia, cidades e cultura.

Lustosa (1996) aponta que a especialização do trabalho jornalístico é resultado da divisão do trabalho dentro das redações a partir das reformas implementadas nos grandes veículos de circulação nacional, como o Jornal do Brasil, na década de 1960, tomando por modelo a sistemática do jornalismo norte-americano em criar departamentos nas redações,

as chamadas editoriais especializadas, responsáveis por cobrir áreas ou setores específicos, sob o comando de uma redação central, representada pela figura do editor-chefe.

Um veículo podia contar com quantas editorias quisesse, conforme suas áreas de cobertura. As mais tradicionais eram: geral, política, economia, esportes e cultura. Em algumas redações cingia-se na figura, em cada editoria, do redator final, responsável pela uniformização das notícias produzidas, a imprimir a linguagem do jornal.

Entre o fato e o jornal pronto há uma série de etapas a serem seguidas e cumpridas, por isso o trabalho diário nos jornais começa pelo planejamento da pauta, uma reunião diária em equipe em que se discute o desempenho do dia anterior, e se estabelecem os principais acontecimentos a serem cobertos e noticiados, quando também acontece a distribuição das tarefas entre os jornalistas. Tudo sob o comando do editor. O editor é peça chave no processo hierárquico e organizacional das redações. E as suas atribuições distribuir as atividades entre os repórteres, acabar e aprimorar o texto que será publicado pela sua editoria.

A pauta é o ponto de partida da atividade jornalística. Nas grandes redações, a figura do pauteiro é essencial na colheita das sugestões das reuniões diárias. É o responsável pela pré-pauta, que dará origem, posteriormente, à pauta, com as indicações de apuração que devem ser seguidas pelo repórter de texto e pelo repórter fotográfico. Cabe ao pauteiro estar atento ao espaço destinado à matéria na página do jornal, número de laudas, quantidade de fotos necessárias, etc.

A Tribuna do Norte, na edição comemorativa dos 60 anos do jornal publicou em caderno especial (TRIBUNA DO NORTE, 2010a, 2010b, 2010c) que traça um resgate histórico do veículo, hoje o jornal impresso em atividade mais antigo de Natal. Entendemos que resgatar a sua história incide diretamente no conhecimento dos passos do jornalismo potiguar.

Ao celebrar os 60 anos de sua fundação – a primeira edição circulou no dia 24 de março de 1950 – a Tribuna do Norte optou por oferecer ao público convidado uma palestra que tem relação direta com a sua visão de futuro: postura crítica, ação consciente e planejamento estratégico. Enquanto Gustavo Franco, economista e ex-presidente do BC, analisava os rumos da economia e o que é preciso fazer para retornar o crescimento pós-crise financeira, o jornal encarta, nesta edição de aniversário, 20 páginas especiais sobre como funciona, os serviços que oferece e atenção que dá aos seus leitores (TRIBUNA DO NORTE, 2010c, p. 01).

As redações eram diferentes. O jornalista Emanuel Barreto traça o cenário da Tribuna do Norte na década de 1970 em meio a um exercício profissional muitas vezes precário. "A redação da época, que funcionava na rua Tavares de Lira, era tão pobre que todos os jornalistas trabalhavam sobre uma única mesa grande sobre a qual havia mais máquinas de escrever quebradas do que funcionando", diz Barreto. Ele completa:

O problema era tão frequente que precisávamos sempre recorrer a um profissional conhecido como "Pilão", responsável pela reposição de tipos. Ele aportava no jornal trazendo uma parafernália de tipos em chumbo e fazia o reparo ali mesmo. Era uma época difícil, andávamos de ônibus para cumprir as pautas. Só depois ganhamos uma Kombi, que fazia o transporte coletivo. Além da redação, haviam pequenos cubículos mais reservados onde trabalhavam Woden Madruga em um, Ticiano Duarte em outro, e Macedo em outro. Moacir Oliveira, grande diagramador, ocupou o último cubículo disponível. Telefone, havia um único para toda a redação, com um fio, que tinha talvez oito a dez metros, para atender toda a Redação. Trabalhavam na época ali umas 20 pessoas. Todos gostaram muito quando foram transferidos para onde hoje funciona a Redação da Tribuna (TRIBUNA DO NORTE, 2010b, p. 03).

Um marco de renovação dos jornais são as reformas estruturais, seladas pela compra de novos equipamentos, reciclagem das equipes de redação e colaboração de novos articulistas, entre outras, um movimento de reorganização para sacudir e atualizar o jornal com o seu tempo. A Tribuna do Norte passou por este processo na década de 1970. O jornalista Woden Madruga relata que "em meados de outubro de 1979 a Tribuna do Norte, comemorando 30 anos, inaugurava seu novo prédio, novos equipamentos e entrava na fase do off-set" (TRIBUNA DO NORTE, 2010c, p. 02). O jornalista Emanuel Barreto comenta a época dessa mudança:

Era um jornal em transição. O caderno de cultural da Tribuna era impresso na gráfica do jornal A República, enquanto o outro caderno saía da gráfica própria do jornal. Isso produziu uma dicotomia visível a olho nu. Enquanto o primeiro caderno, impresso na Tribuna, tinha aspecto envelhecido, o caderno de cultura impresso na gráfica oficial do estado tinha uma aparência clara e radiante - era literalmente o casamento do velho com o novo. Seja como for, isso foi uma espécie de treinamento para o pessoal da Tribuna, que antecedeu a chegada ao jornal da impressora offset. Tinha início então um longo processo de consolidação da Tribuna do Norte, deixando de ser um jornal de partido para ser um jornal-empresa (TRIBUNA DO NORTE, 2010b, p. 03).

A matéria intitulada "A redação, onde a Tribuna ganha vida" reportou o dia-a-dia do trabalho na redação. "Uma das primeiras coisas a aprender no ofício de jornalista é que aqui só temos hora para chegar. Para sair, tem sempre uma outra história para apurar", vaticina o diretor de redação Carlos Peixoto. A imagem mais apropriada para o trabalho da redação, lembrada por Peixoto, é a de um rio.



Sabe aquela parábola de Heráclito, do rio sempre em mudança? Esse é um espírito com que se trabalha em uma redação: um fluxo contínuo de informações que se renovam, que precisam ser retrabalhadas. Claro, chega a hora que é preciso parar esse fluxo, decidir fechar o jornal com o que se conseguiu até ali... mas o ideal de toda redação é alimentar e prolongar o máximo possível esse fluxo de informações (TRIBUNA DO NORTE, 2010a, p. 01).

Os pauteiros, chefes de reportagem e repórteres são os primeiros a impulsionar esse fluxo de que fala Peixoto. O trabalho é sempre em equipe. Os assuntos a ser levantados para que virem notícias são organizados em "pautas" - um resumo com informações básicas e fontes sobre o assunto -, já preparadas, em parte, no dia anterior. Como a realidade é dinâmica, essas pautas sofrem interferências durante o dia. E mesmo durante o levantamento que o repórter está fazendo sobre o assunto. Não é raro uma "pauta" mudar completamente o foco que se pensou dar a determinado assunto.

"Essa possibilidade de sempre encontrar uma novidade em qualquer assunto que se vai reportar é bem interessante no trabalho de jornalista" (TRIBUNA DO NORTE, 2010a, p. 04), avalia a repórter Carla França, há três anos na profissão, tendo começado na TN como estagiária. "Mas, o que é legal mesmo é você tem a oportunidade de ser útil ao leitor e para isso nem precisa ser através de uma grande reportagem, às vezes uma simples nota já cumpre esse objetivo", acrescenta Carla (TRIBUNA DO NORTE, 2010a, p. 04).

Apesar de termos dado destaque às experiências jornalísticas desenvolvidas no âmbito da Tribuna do Norte, como falamos anteriormente este não foi o único jornal impresso de Natal. No entanto, os arquivos dos demais jornais encontram-se indisponíveis para consulta, enquanto recentemente, em trabalho realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o acervo do jornal Tribuna do Norte foi digitalizado e está acessível aos pesquisadores.

Além dos já mencionados Diário de Natal, Poti, A Ordem, Jornal de Natal, Jornal de Comércio e A República, também tivemos o Jornal de Hoje e o Correio da Tarde; hoje na cidade temos em funcionamento apenas o Novo Jornal e a Tribuna do Norte. Resgatar a história desses veículos por meio dos jornalistas que neles atuaram é o que almejamos, conforme a proposta de pesquisa que apresentaremos a seguir.



### 3 PROPOSTA DE PESQUISA

A história do jornalismo no Rio Grande do Norte ainda está por ser contada. O protagonismo dos jornalistas que assumiram diversos papéis nas redações a partir dos anos 1950, quando é fundado o jornal *Tribuna do Norte*, marca a nova era do jornalismo que se tornava o jornal-empresa tributário do modelo norte-americano em que havia a distribuição dos assuntos por editorias e divisão do trabalho em postos como pauta, reportagem, editoria.

Neste contexto, assumem a função jovens jornalistas em início de carreira que escreveriam a história do jornalismo diário no estado pelos próximos sessenta anos. Muitos deles oriundos de outras formações, sobretudo das faculdades de Direito, mas que exercerão a atividade na prática e, com a criação da primeira faculdade de jornalismo no Rio Grande do Norte, a Eloy de Souza - hoje a Universidade Federal do Rio Grande do Norte -, nos anos 1960, se tornarão os seus primeiros professores.

Tendo em vista o panorama apresentado, acreditamos que torna-se necessário uma pesquisa de resgate histórico do jornalismo potiguar. A proposta é reunir as narrativas das histórias de vidas profissionais dos jornalistas que trabalharam nos veículos de impresso em Natal para escrevermos essa história do jornalismo local, pois acreditamos que a partir das memórias dos jornalistas que acompanharam a profissionalização do exercício jornalístico no estado iremos alcançar esse objetivo.

Como estratégia de coleta de dados utilizaremos principalmente as entrevistas em profundidade, que de acordo com Duarte (2008) servem para que se recolham respostas a partir da experiência de uma fonte. Ela permite a identificação de diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Para o autor, representa uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2008, p. 62).

Pereira (2012) aponta que o uso da entrevista como metodologia de pesquisa remonta do final do século 19, época de consolidação das ciências sociais. Para o autor, a pesquisa no campo do Jornalismo é bem valorizada, pela proximidade deste profissional à técnica, muitas vezes usada em sua prática diária.

No entanto, Pereira (2012) destaca que a realização de pesquisas qualitativas exige um preparo extra do pesquisador entrevistador, que precisa considerar diferentes aspectos da interação com o entrevistado e considerar durante o processo de interpretação dos dados,

analisando “a própria atuação do pesquisador no processo de construção da narrativa” (PEREIRA, 2012, p. 43).

De acordo com o Duarte (2008), temos que considerar muito além das respostas proferidas nas entrevistas. É necessário observar o ambiente da entrevista, a relação entre as pessoas nesse ambiente, o comportamento do entrevistado, seus movimentos e gestos, cruzando esses dados com as respostas obtidas no contexto.

Pelo fato das entrevistas em profundidade serem parte da etapa qualitativa da pesquisa, optamos por trabalhar com questões semi-estruturadas, em entrevista semi-aberta e com o modelo de roteiro. Para Duarte (2008), na entrevista semi-aberta as questões têm origem no problema de pesquisa e buscam tratar da amplitude do tema, por meio do uso de perguntas abertas tanto quanto possível.

Concomitantemente às entrevistas em profundidade faremos uma pesquisa documental, na qual buscaremos entrevistas, biografias, documentos pessoais, livros publicados e arquivos dos jornais nos quais os entrevistados trabalharam. Além disso, unese a esse arcabouço metodológico a pesquisa bibliográfica.

Para a primeira fase de execução da pesquisa selecionamos de uma lista pré-estabelecida seis jornalistas potiguares cuja reputação obedece a critérios de atuação e longevidade no exercício do jornalismo diário, alguns ainda em atuação, outros que perduraram por muitos anos nas redações dos jornais de maior circulação no Rio Grande do Norte, quais sejam, Tribuna do Norte e Diário de Natal, este último tendo encerrado suas atividades no ano de 2012.

Os profissionais escolhidos representam a história do jornalismo no estado pelo seu protagonismo que começa nos anos 1950, quando a maioria deles ingressa nas redações destes jornais, atuando em diversas funções, como repórteres, editores, articulistas e, muitos deles, atuando também nos bancos da faculdade de jornalismo.

Após a realização das entrevistas iremos sistematizar as informações e organizá-las seguindo uma cronologia. Para a segunda fase, iremos repetir essa execução com mais entrevistados da lista, a fim de contemplar profissionais que atuaram em outros veículos e em variadas épocas. Ao final destas duas etapas, teremos em mãos um material empírico capaz de nos revelar detalhes do jornalismo praticado no nosso estado que estão a cada dia que passa sendo esquecidos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal/RN: IHGRN, 1999.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquem e d'além mar: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 62-83.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, Fábio Henrique. Conversando com jornalistas: a perspectiva do interacionismo simbólico. In: MAROCCO, Beatriz (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012, pp. 31-45.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SODRÉ, Muniz. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRIBUNA DO NORTE. **Emanuel Barreto, jornalista professor da UFRN**. Publicado em 24 mar. de 2010b. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/emanuel-barreto-jornalista-professor-da-ufn/143836>>. Acesso em 31 maio 2016.

TRIBUNA DO NORTE. **A redação, onde a Tribuna ganha vida**. Publicado em 24 mar. 2010a. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-redacao-onde-a-tribuna-ganha-vida/143820>>. Acesso em 31 maio 2016.

TRIBUNA DO NORTE. **Memória da Tribuna**. Publicado em 24 mar. de 2010c. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/memoria-da-tribuna/143804>>. Acesso em 31 maio 2016.